

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Shopping News Class.: Karapó / Raoni
Data: 23/02/86 Pg.: 395

170

Civilização

Pajelança, outra lição que o branco não soube aproveitar

Washington Novaes
(Jornalista, produtor
de minissérie Xingu)

Há questão de semanas, o ornitólogo Augusto Ruschi viu-se desenganado pelos médicos: a ciência não dispunha de conhecimento e recursos para evitar-lhe a morte por inoculação de veneno de sapo. Mas Ruschi sabia que na medicina dos pajés indígenas, na pajelança, tinha amplas possibilidades de cura. Conseguiu então que fosse tratado pelos pajés Raoni e Sapaim, e foi salvo daquele mal específico (ele sofre de outras doenças já crônicas). Para o jornalista Washington Novaes - produtor da minissérie Xingu, exibida em 1985 pela TV Manchete, e autor do livro Xingu: Uma Flecha no Coração -, o episódio foi tratado apenas como fato pitoresco, quando seria motivo para profunda reflexão do homem branco sobre a cultura do índio e sobre sua própria cultura, "civilizada".

No Brasil há moda para tudo - desde que seja para o consumo de um só verão e não coloque em risco nenhuma das "verdades" que levam este País imenso a ser um dos mais injustos do mundo.

Nestas últimas semanas, o Brasil todo assistiu, via Embratel e primeira página dos jornais, ao nascimento, agonia e morte de mais uma moda. Tão de repente quando nasceu, já se perdeu no passado a pajelança, a medicina do índio, que durante alguns dias pareceu mostrar que se começava a levar a sério uma cultura, um saber, esmagado e desprezado há cinco séculos.

Mas só pareceu. Era moda, apenas; não era para valer.

É pena. Todos perdem. O índio, que com o reconhecimento de sua cultura teria mais uma chance de ser respeitado e sobreviver. E o "civilizado" que, nestes tempos de perda de valores e questionamento de todas as formas urbanas de viver e organizar-se politicamente, poderia aprender muito: repensar-se.

IDENTIDADE PRÓPRIA

É preciso começar do começo. Não existe o chamado "problema do índio". O índio não é problema nenhum. Problema é o branco.

Quando os colonizadores chegaram ao Brasil, há cinco séculos, encontraram aqui nações perfeitamente organizadas social e politicamente, com língua própria, território definido, tradições, costumes, religião - enfim, tudo o que costuma caracterizar uma nação. A nação tupinambá, a nação tamoió, a nação xavante, a nação bororo, a nação terena, a nação kamaiurá e assim por diante.

Só que, para tomar-lhes as terras e tentar escravizar seus cidadãos, era preciso começar negando-lhes a identidade própria. Por isso, passaram todos a ser chamados de "índios", essa ficção castradora, escravocrata e impiedosa. Tão impiedosa que um papa



RAROS CONFLITOS

precisou baixar uma bula decretando que os "índios" tinham alma - para tentar evitar que fossem mortos como formigas pelos que desejavam escravizá-los.

Para entender melhor isso, seria preciso imaginar que desembarcassem hoje em São Paulo, Bogotá e Buenos Aires algumas centenas de seres estranhos, de outra galáxia, vestidos de forma bizarra, falando uma língua ininteligível e portando armas irresistíveis. Eles decretariam que somos todos - paulistanos - colombianos e argentinos - apenas "sul-americanos", sem identidade, sem alma e sem direitos. Poderiam, por isso, obrigar-nos todos a trabalhar de graça para eles. Poderiam violentar nossas mulheres, nossas filhas, nossas irmãs, nossas mães. Poderiam apossar-se de tudo o que temos de mais precioso e mandar para a sua galáxia. Se resistíssemos, seríamos todos mortos.

Os "índios" resistiram. Por isso, morreram. Aos milhões.

Calcula-se que, na época do "descobrimento", os "índios" eram entre 3 e 5 milhões, enquanto chegavam alguns milhares de portugueses por ano. Hoje, nós, descendentes dos "descobridores", somos mais de 135 milhões. Eles, "índios", são pouco mais de 200 mil. Mal bastam para encher o estádio do Maracanã.

Só neste século, desapareceram no Brasil mais de cem nações indígenas. Cada uma com sua cultura, sua tradição, sua experiência, seus conhecimentos milenares. E nós continuamos a chamar-nos de "civilizados".

Orlando Villas Boas, um dos criadores do Parque Nacional do Xingu, conta que na primeira expedição de contato com os "índios" do Brasil Central, de que ele participou, o "peão" com menos crimes de morte havia assassinado oito pessoas. E ia "pacificar os selvagens".

Orlando morou 42 anos entre os "índios" do Xingu. Nunca viu um deles dar um tapa na cara do outro.

Está na moda dizer que não existem pessoas boas ou ruins, melhores ou piores. Somos todos igualmente bons e ruins. O resto seria "maniqueísmo", "idealismo" e outros ismos. Qualquer visão que atribua ao "índio" certas qualidades seria "visão romântica", "rousseauiana", que tenta descobrir o "bom selvagem" idealizado.

Na verdade, trata-se de uma mistura mal digerida de estruturalismo e marxismo, temperada com fortes pitadas de determinismo e da visão do pecado irremissível.

As pessoas são, de fato, fruto das sociedades e das circunstâncias em que nascem e vivem. Mas não apenas. São também fruto de sua liberdade de escolha. E o "índio" sabe escolher. Compara - inclusive com o branco - e escolhe suas formas de ser.

Mais ainda. As sociedades não são todas iguais. Há sociedades melhores e piores, na medida em que se aproximem ou se distanciem dos grandes ideais da espécie humana: a liberdade, a justiça, a paz.

É preciso, então, examinar caso por caso. Cuidadosamente.

A maioria das sociedades "indígenas" brasileiras caracteriza-se por algo difícil para um "civilizado" entender: pela não-delegação de poder. Ninguém delega poder a ninguém.

Por isso, o chefe é um chefe sui generis: não tem poder. Ele é o representante da cultura, da tradição, da experiência. Mas não manda. Não dá ordens.

A própria figura da ordem, do mando, é estranha à maioria das comunidades "indígenas". Se o chefe ou qualquer outro cidadão desse uma ordem a outro, esse outro estranharia, acharia engraçado ou não daria nenhuma importância.

O chefe é chamado, nos conflitos, para dizer como a tradição e a experiência resolveriam aquele impasse. Mas não impõe nenhuma solução. Nem é preciso. Primeiro, porque os conflitos são raros. Segundo, porque a lição da experiência é transmitida para mostrar porque é melhor resolver assim, e não de outra forma. Em geral, é aceita.

Se não há delegação de poder, não pode haver repressão organizada. E sem repressão organizada, não pode haver dominação de um indivíduo por outro. Nem dominação política, nem dominação econômica.

Mais ainda, sem poder organizado, sem organização social estruturada no poder, a ausência de dominação de um indivíduo por outro vai a extremos inimagináveis por nós, "civilizados". Por exemplo: nas relações homem-mulher ou nas relações pais-filhos.

Um homem jamais se atreveria a queixar-se de sua mulher. Nem a mulher do seu homem. A queixa implicaria domínio, mando, expectativa de comportamento, limitação de liberdade. O máximo que o "queixoso" ou a "queixosa" pode fazer é dirigir-se à roda de pajés, que se dirigirá a todos os homens ou todas as mulheres, lembrando quais são os deveres de uns ou de outras, porque a experiência e a tradição dizem que deve ser assim. Quem quiser que vista a carapuça. Sofisticado, não?

Pais e mães, extremamente carinhosos com seus filhos, jamais gritam com filhos pequenos, muito menos batem - seria uma covardia. E os educam, os estimulam, desde muito cedo, a ser autônomos e independentes. Não fazem casas que tolha os movimentos e a liberdade das crianças. Não as impedem de experimentar o mundo que as cerca, mesmo que seja ou pareça perigoso. Por isso, por volta dos cinco ou seis anos, qualquer indiozinho dá conta sozinho da sua vida, se for preciso. Pedagogia da liberdade?

CONHECIMENTO MILENAR

É nesse mundo tão peculiar que deve ser entendida a pajelança.

Pajelança é o trabalho de um ou mais pajés para curar uma pessoa que esteja sofrendo de "doença de índio" - que é diferente de "doença de branco".

"Doença de branco" é a moléstia levada pelos "civilizados" - sarampo, catapora, malária, gripe, pneumonia etc. Com essas, o pajé não pode nada. O resto é "doença de índio".

Quando alguém sofre com uma doença de índio, o pajé é chamado. Fuma seus longos charutos de ervas, que o fazem ingressar no mundo dos espíritos. Ali, com a ajuda de espíritos, "vê" qual a doença que atormenta o paciente. Descobre se pode tratá-lo só com outras ervas. Ou se algum espírito também se encarnou no doente e precisa ser dali retirado - arrancando-o com as mãos e a boca, tal como Raoni e Sapaim fizeram com o pobre Augusto Ruschi. Terminado o trabalho, o pajé precisa ser "pago" imediatamente (em geral, com colares, panelas ou outro objeto de valor na vida interna daquela nação, onde em geral não circula dinheiro). Se não for "pago" imediatamente, perderá toda a força. E ambos - pajé e paciente - poderão morrer.

Ninguém escolhe ser pajé. É escolhido. Os sinais são muitos e variados. Um "vento de espírito" (rodamoinho) que entra na casa. Uma picada de cobra. Um sonho.

Raoni me contou, em setembro de 1984, que ele mesmo foi escolhido num sonho do pai. Mas teve medo quando, na primeira vez que "saiu do corpo" e ingressou no mundo dos espíritos, viu o futuro, viu seu povo sendo morto pelos brancos. Recuou. Desistiu.

Na segunda tentativa, sua mãe e seu irmão é que tiveram medo, tentaram impedi-lo, chegaram a amarrá-lo com embiras, para que parasse de fumar e não entrasse mais no mundo dos espíritos.

Mas aí foi picado por cobras e todos os espíritos, de uma só vez, o tomaram de assalto. Não teve mais jeito. Saiu em busca de mestres: Takumã, o kamaiurá considerado o maior pajé do Xingu; Sapaim, irmão de Takumã (e seu acompanhante nesta incursão pelo

mundo dos brancos); Paru, chefe iawalapiti; Sarirwá; Prepuri. Todos os grandes do Alto Xingu. E depois de uma série de provas terríveis, tornou-se pajé. Pajé capaz de intervir no mundo dos espíritos e de aliar essa sabedoria ao conhecimento de ervas e raízes. Conhecimento milenar, que passa de geração em geração.

"Índio" conhece ervas e raízes para tudo. Anticoncepcionais e abortivos. Fortificantes. Vermífugos. Depuradores. Cicatrizantes. Antiofídicos. Afrodisíacos. Tranquilizantes. Excitantes. Tudo.

E o mundo de sua medicina é um mundo entrelaçado com a religião e com o sonho. Porque não há dimensões separadas, compartimentos estanques em sua vida. Nem mesmo a arte, que em geral expressa emoções, formas e linguagens de todas essas dimensões.

CONSUMO DE PITORESCO

Foi animador ver na televisão e nos jornais esse retorno da cultura do oprimido, no caso Ruschi. Ver aquela foto tão simbólica, tão significativa, das imensas costas de Raoni debruçadas sobre a cabeça de um branco raquítico e anêmico, assustado e quase moribundo. Para arrancá-lo das garras da morte. O suposto fraco e oprimido livrando da destruição o suposto forte e dominador.

Qual nada. Durou menos que um verão esse ressurgir. Era só consumo de pitoresco, embora a medicina alopatia e os cultores extremados da razão se tenham sentido tão ameaçados pela "feiticeira".

Não lhes passou pela cabeça que se trata de um saber talvez mais antigo que o da razão ocidental e da medicina alopatia. Apenas diferente. Que se exerce por outros caminhos e outras sendas, tão válidos quanto qualquer outro. O que conta é a experiência.

Mas é compreensível que seja assim. Levam a sério a "medicina" do "índio" exige que se aceite colocar em questão o nosso saber e as nossas formas de ser, a razão imperialista (que não se contenta só com o seu lugar na psiquê humana, quer ocupar o espaço de todas as outras funções psíquicas, como a intuição, a sensação, o sentimento), as nossas formas de organização política e social. Levam a sério esse "índio" exigiria admitir a nossa crueldade diante de culturas às vezes superiores - ética e esteticamente - que temos massacrado. Exigiria admitir que algumas das chamadas culturas ágrafas, sem escrita, podem já ter ido mais longe nessa complexa e contraditória caminhada da espécie humana.

Levar a sério exigiria, finalmente, que nós despíssemos, mesmo os mais bem-intencionados, dessa postura paternalista e protetora que nos conduz em relação ao índio. Exigiria que deixássemos de falar apenas do massacre, do "índio" aviltado e humilhado. Que tentássemos também compreender sua cultura, avaliar o seu saber. Para podermos respeitá-los. Admitir seus direitos. Aceitar que se trata de nações. Advogar, por isso, que nossa Constituição assim as admitisse: como micronações associadas à Federação brasileira, com território próprio. E que nos limites desse território seus cidadãos pudessem viver de acordo com seus costumes e sua tradição. Sem a presença perturbadora e ameaçadora do branco problemático.

É claro que é pedir muito, para quem só está disposto a enxergar a pajelança e o "índio" como o exótico e divertido, a ser consumido durante uns poucos dias, na entressafra da política.

Pior para nós. Nossa ignorância continuará intocada e arrogante.